

A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO E O PENSAMENTO CRÍTICO

Ana Beatriz Milhomem Lot

Desde o primeiro semestre no curso de Psicologia, somos ensinados que a teoria jamais está desvinculada da prática psicológica; toda teoria parte de uma visão de mundo e de pressupostos filosóficos específicos. A Psicologia nos é apresentada como um campo científico que não deve orientar suas práticas tendo como base apenas seus instrumentos, mas também suas vivências.

Portanto, o campo do saber psicológico guia a sua práxis valendo-se de demandas sociais. Essa práxis pode ser entendida pelo humanismo ético-sociológico, como proposto por Nogare (1990), citado por Mundim Neto (2017). O pressuposto desse humanismo é o de que a análise dos fenômenos do mundo não deveria se dar por uma mera contemplação do mundo, e sim por uma forma de transformação, por meio do estudo.

Ao psicólogo cabe então, antes mesmo de se inserir no trabalho, se apropriar desse tipo de análise crítica da realidade com a qual ele terá de lidar. É preciso saber que, embora uma ação individual e pontual não seja preditora de grandes transformações do real, seu papel consiste em ir contra uma forte maré. Com isso, pretende-se dizer que ele terá de se questionar acerca dos rótulos que a sociedade procura, a todo custo, para entender os fenômenos, também sobre as questões de inclusão, que são altamente atravessadas pela própria exclusão. Terá de ponderar, a todo momento, sua atuação, com a devida atenção aos impactos que ela pode gerar na vida dos que estão ali.

Mas o que é percebido durante a graduação é que, por mais que tenhamos a noção daquilo que deveríamos evitar, acabamos caindo em pensamentos e ações sempre voltadas ao excesso de encaminhamentos, diagnósticos que, por fim, provocam a redução do sujeito. Isso porque no momento que nos deparamos com situações-problemas que saem da nossa lógica conteudista, nós, alunos, travamos.

A questão principal deste texto é: qual o tipo de profissional que está em formação para atuar numa sociedade que exige (indiretamente) que tenhamos cada vez mais um pensamento crítico a respeito dela?

Se considerarmos a obra de Paulo Freire (1983) como referência para pensarmos essa pergunta, vemos que ele denomina de posição radical aquele local em que o indivíduo se coloca como ser crítico de sua realidade. Em nosso caso, a Psicologia se propõe a ser esse local, suas

ações se dão em uma unidade dialética de subjetividade e objetividade, mas evidenciam seu caráter não humanista e pouco crítico.

A Psicologia se veste de humanista de duas formas principais: intermediada por sua retórica e sua falsa generosidade. Por se realizar por meio da linguagem, a Psicologia se converte ao sentido mais simples do humanismo, que não tem uma existência efetiva na realização de atos, ou seja, é uma ciência que enuncia o ser humano como valor absoluto, mas, na verdade, ela o reduz e instrumentaliza (MUNDIM NETO, 2017).

A falsa generosidade se revela na articulação que guia suas ações como um modo de emancipação dos sujeitos, mas se alimenta das injustiças sociais que se manifestam por meio da sua imposição de saberes enquanto campo científico (FREIRE, 1983). Portanto, a Psicologia não apresenta criticidade em sua práxis, não há reflexão a respeito do mundo e, mais importante, uma ação para transformá-lo de fato. Suas ações são basicamente para a manutenção de um status quo, por meio do saber, de seus instrumentos e de categorização como homogeneização dos sujeitos.

A prática psicológica atual discursa sobre a libertação das pessoas, mas nada faz para que isso se concretize de fato. Sendo assim, ela acaba por se enrijecer em burocracias e se perder na dimensão humanista da luta (FREIRE, 1983).

REFERÊNCIAS

FREIRE, P.. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MUNDIM NETO, J.F.. **A crise da educação contemporânea e a escola: o que paira sobre o chão que pisamos?** (Pg. 42 a 58). Faculdade de educação. Universidade de Brasília, 2017.

NOGARE, P. D.. **Humanismos e anti-humanismos: Introdução à antropologia filosófica**. Petrópolis, RS: Vozes, 1990.